

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

01.10.95

MILTON GURAN - Estamos no 1º de outubro de 1995, na casa do Sr. Honoré de Souza, presidente do Conselho Supranacional do Benim da Família Souza Benim-Togo. Estamos em Singbomey, na presença do Sr. Prosper de Souza e de Marcelim de Souza. Bom, Sr. Honoré, hoje o senhor é o presidente do Conselho Supranacional da Família Souza Togo-Benim; em uma semana o senhor será o Chachá VIII. O que muda entre ser o presidente do Conselho Supranacional e ser o Chachá VIII?

HONORÉ DE SOUZA - O Chachá VIII, é ele que é automaticamente o chefe da família De Souza. Não o presidente do conselho supra. É Chachá que domina o conselho supra. É isso. Então, em uma semana, serei Chachá da família De Souza. Eu terei todas as responsabilidades da família De Souza.

MG - E o conselho supranacional, a partir de agora, é Chachá que contata esse conselho supranacional. É isso, não?

HS - Sim, sim. O presidente do conselho supranacional é um presidente apenas. Mas ele não tem ainda o título de Chachá. Porque Chachá, é ele que está sobre o trono de nosso ancestral. É uma questão de realeza. Porque aquele que é nominado Chachá fica no trono do nosso ancestral. Nosso ancestral veio aqui há tempo, tinha grande personalidade, era um grande notável e ele tinha, num primeiro tempo, a responsabilidade do forte português aqui. Depois, ele ficou mais forte, porque ele foi, ele nasceu, o senhor sabe sua data de nascimento.

MG - Sim, sim.

HS - O 4 de outubro de 1754. Então, ele chega pela primeira vez ao Daomé em 1772, então com a idade de 24 anos. Ele era o primeiro residente do forte português São João Batista de Ajuda. E alguns anos mais tarde, ele pede demissão, ele prefere gerir seus próprios negócios. É assim que ele criou um negócio em Badagry, na Nigéria. Depois, ele repartiu ao Brasil, voltando em 1800, ele criou um segundo negócio em Anecho, no Togo. E foi nesse momento preciso que ele teve um conflito com o rei Adandozan. Esse conflito conduziu Francisco Félix de Souza a organizar, com o irmão mais novo do rei, um arranjo. O irmão mais novo do rei era aquele que se chamava Gakpê. E ele estreitou relações com Gakpê para destronar o rei sanguinário e bárbaro, Adandozan. E esse último, o jovem Gakpê, ajudado por Francisco Félix de Souza, tornou-se rei no lugar de seu irmão mais velho, em 1818, sob o nome de rei Guêzo. Em reconhecimento a Francisco de Souza, Guêzo nomeou então Felix Francisco de Souza vice-rei do altar,

com autoridade suprema. Ele tinha, nesse caso preciso, a presidência em Uidá, nessa casa aqui. E ele sobreviveu durante 95 anos. Foi com a idade de 95 anos que ele morreu, nessa casa mesmo, nesse quarto que acabamos de deixar, no dia 8 de maio de 1845, às 11 horas passadas, uma morte natural.

[?]<sup>1</sup>: Depois tivemos seu filho, Isidore, o Chachá II. Depois o Chachá III era Francisco Chicou. Depois o Chachá IV era Julião Francisco de Souza, seu avô direto. Eu tive que dizer ao senhor da vez passada.

MG - Sim, sim.

[?]<sup>2</sup>: Era seu avô direto. Depois de Julião, era Lino Francisco de Souza, o quinto Chachá; depois o sexto Chachá, Norberto Francisco de Souza, nosso pai. Nosso pai é o sétimo Chachá, ele estava bem velho antes de ser nomeado. Ele não durou muito no poder. Ele morreu em 1969. Ele se chama Jêrome Anastasio de Souza. Então, faz vinte e seis anos que o último Chachá morreu. E nós íamos, de vez em quando, em seu túmulo, nós não sabíamos quem escolher até que o Sr. Honoré foi nomeado, no último 24 de junho de 1995, por volta das 10 horas da manhã, em Uidá, aqui, na casa de seu ancestral.

[?]<sup>3</sup>: Ele não sabia nada.

[?]<sup>4</sup>: Ele não sabia nada, nós o surpreendemos.

MG - Bom, é uma surpresa bem forte (risos). Não é muito fácil de nomear, pegar as pessoas, o exemplo aqui, faz mais de 20 anos, o Chachá...

[?]: Tinha a regência. Entre outras, quando o último morreu, em 1969, tinha Gregoire Esther de Souza que assinava a regência da família. Ele conduzia a família. Depois dele, tinha o irmão mais velho de Victor Honoré de Souza, que se chama Julien Feliciano de Souza, que teve que dirigir também a família. Então, em 1993, nasceu o conselho supranacional, composto de vinte quatro membros, doze no Togo e doze no Benim, do qual o Sr. Honoré Feliciano de Souza foi o presidente até sua nomeação dia 24 de junho último.

MG - A nomeação de Chachá. Então, vocês estão aqui no ramo de Julião. Julião é um Chachá muito particular porque, primeiro, porque é um Chachá que pagou com sua vida sua intenção de trazer os portugueses aqui, quer dizer, o protetorado português. Ele tinha muito boas intenções. Então, é neto de português, de brasileiro, escutem, eu acho muito bom. Ele pagou caro por uma ideia muito cara a todo mundo como nós. E depois, Chachá IV é o ramo Julião, ele ficou fora de Uidá. O senhor mesmo, o senhor nasceu no Togo, e o senhor cresceu lá, e depois de vinte e seis anos, é justamente alguém no ramo

---

<sup>1</sup> Não está certa a autoria desse trecho, mas provavelmente trata-se de Prosper ou Marcelim de Souza, os dois outros membros da família de Chachá presentes à entrevista.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

de Julião<sup>5</sup> que chega ao trono de Dom Francisco. O que significa dizer o ramo Julião no trono de Dom Francisco, é o que eu vos preciso? Por que não outro ramo? Por que não alguém do ramo Julião<sup>6</sup>? É um ramo que foi, que sofreu desprezo, situações difíceis, a família Souza, seu ancestral aí. O que isso quer dizer, estar no ramo Julião? Tem uma confiança especial?

[?]: Não tem várias linhagens no seio da família, mas tudo constitui um bloco só, unido, a família De Souza. O senhor vê, Dom Francisco Félix de Souza teve vários filhos. E seus próprios filhos tiveram, por causa dele, filhos também. Isso faz uma linhagem. Tinha a linhagem Isidore de Souza, o primeiro filho; a linhagem Francisco Chicou, a linhagem Julião Francisco de Souza, a linhagem Lino, a linhagem Norberto, a linhagem Jerôme Anastasio de Souza, e, grosso modo, o todo constitui um bloco que é único, família De Souza.

MG - Eu compreendo.

[?]: Nós podemos indicar sobre isso (???)<sup>7</sup> que o senhor tem diante de vós, tem um braço que foi lá e aí está, Dom Francisco, e dele, tantos outros ramos. Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e tem um nome o oitavo. Este nome está aqui. Então, o *pagne*<sup>8</sup> já é significativo, e fala e isso pode falar.

MG - Eu ia mesmo tirar uma foto mais tarde, porque isso é interessante. Bom, senhor Honoré...

[?]: O que o senhor pergunta sobre o ramo de Julião realmente é que houve um incidente nesse momento aí, e esse incidente passou, e agora a família está unida, nós estamos em bloco, como meu irmão acaba de dizer agora.

MG - O senhor mesmo, o senhor nasceu em Grande Popô. Desculpe-me, mas eu gostaria muito de conhecer um pouco de vossa história. O senhor nasceu lá, o senhor fez os estudos...

HS - Primários e a escola católica de Anecho.

MG - De Anecho.

HS - Depois eu entrei no aprendizado, fui mecânico transportador, e presentemente sou diretor de sociedades.

MG - No Togo.

HS - No Togo e no Benim.

MG - A sociedade do senhor se chama?

---

<sup>5</sup> No manuscrito está escrito “branche Julien”, mas trata-se evidentemente do ramo Julião, posto que não existe ramo Julien e a entrevista é com o neto do Chachá Julião.

<sup>6</sup> No manuscrito está escrito Juliano, mas o caso é o mesmo da nota acima.

<sup>7</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>8</sup> Espécie de grande lenço, écharpe ou pareô usado pelos chefes africanos.

HS - Tem várias sociedades. Tem outras que chamam Alures África, Alures Benim, e presentemente, decidi que podemos fazer também a carpintaria em alumínio. Fazemos também o transporte. Sou um empreendedor.

MG - O senhor é, claro, casado e com filhos.

HS - Tenho filhos.

MG - O senhor tem quantos filhos?

HS - Tenho vários. Eu sou pai de crianças. Sou casado e pai de crianças.

MG - Muito bem. O senhor sabe, de mais em mais no Brasil, as pessoas tomam consciência dessa população que está aqui, que é brasileira. Tem de mais em mais interesse pelo brasileiro do Benim. Então, eu pergunto ao senhor, o que quer dizer, na opinião do senhor, ser um agudá no Benim e no Togo?

[?]: Será que posso responder?

MG - Ah, sim, o senhor pode.

[?]: Um agudá é um nome que as pessoas de Uidá, de língua fon, utilizam para precisar os portugueses agudá. Ele os chama, entre nós, agudá. Nós podemos citar algumas famílias: De Medeiros, De Souza. São os agudá. A boa prova, nós temos um Gomes, Sr. Théophile Gomes. Cada vez que ele me vê, ele me saúda: “Bom dia, agudá”. É o nome atribuído à família brasileira pelos Fon. Agora...

MG - Mas eu quero ter outro gosto. Porque o sentido da palavra agudá... Concordo com o senhor, mas o que quer dizer ser um brasileiro, um português-brasileiro? Não é igual a ser um fom de Abomé, ou ser um Mina, ou ser um Bariba. Tem um conjunto de características.

HS - Para ser agudá, por exemplo, entre nós, no Togo, por exemplo, nós os consideramos como os libaneses. Nós os consideramos como os libaneses. Os libaneses são pessoas que são corretas. Mas os De Souza, o chamamos de *yovos* também e nós temos orgulho de ser De Souza, ou do Brasil. Aqui as pessoas nos consideram, no Benim até o Togo, e os De Souza são considerados como *Richards* [?], pessoas que são corretas. O senhor vê, é por isso que nós [vamos] muito bem... Eu posso assegurar ao senhor que o dia 7, se o senhor estiver aqui, o senhor vai ver como as pessoas nos amam e os brasileiros que ficaram aqui. Principalmente os De Souza.

MG - Os De Souza são, a família De Souza é a família mais importante de brasileiros do Benim.

HS - Mesmo no Togo.

MG - Não tem nenhuma dúvida. No Togo ou em outra parte. No Togo os Souza tiveram um papel tão importante no nível político que pode acontecer que o nome deles, depois dos franceses, depois da independência até nossos dias. Mas o que era verdadeiramente

importante na família Souza, não somente no Benim, mas no Togo... Mas um exemplo da família no mundo. É que ela é enorme. Não encontramos famílias brasileiras, famílias de reis, etc, que sejam tão estendidas e que tenham um papel tão importante. Eu tive a oportunidade de chegar um pouco aqui, na casa do Sr. Prosper, e eu, [nós] fizemos uma sessão, o que podemos chamar de tribunal de família, para acertar os problemas no bairro Brasil, e as pessoas vieram ver o Sr. Prosper. O Sr. Marcelim colocou uma questão, mas não pude entender nada porque era em fon. Não posso compreender o fon. Eu entendi bem o que aconteceu, depois o Sr. Proper teve a atenção de me deixar a par um pouco, e já era o bairro Brasil, e eles não são pessoas da família De Souza, são pessoas de famílias aliadas, etc., que pegaram terrenos de Chachá.

[?]: Eles não são da nossa família, mas foi Chachá quem os colocou em seu bairro Brasil. E até nossos dias, quando tem um problema entre eles, quando tem discussões entre eles, as pessoas preferem fazer Chachá resolver esses problemas. Eles consideram Chachá como o mestre supremo deles.

(continuação da entrevista com Chachá VIII )

[?] Fizemos uma cerimônia aqui na sala onde está enterrado nosso ancestral. É o Chachá que nomeia os chefes de família no nível de nossos notáveis no bairro Brasil, em toda Uidá. Se queremos nomear um chefe de família, é o Chachá que os nomeia.

MG - Ah, em toda Uidá? Eu perdi essa cerimônia. Eu gostaria bem de vê-la.

[?]: Ah, sexta que vem.

[?]: Bem cedo, entre 7 horas e 8 horas da manhã, vamos colocar alguém sobre o trono sexta que vem.

MG - Ah, então aí é no nível simbólico. Não tem um trono que vão colocar alguém em cima.

[H]: Ah, sim. Para aquele de ontem, tem um pequeno banquinho no qual o colocamos. É o trono isso.

MG - Ah, é o trono! Ah, aí.

[?]: O que se passa é que as famílias em questão nomeiam seus chefes. Nomeiam alguém na cabeça da família. Mas eles vêm aqui receber a consagração.

MG - Isso a nível do bairro Brasil e ao nível de Uidá.

[?]: Não é toda Uidá, a grande parte de Uidá, porque todos os bairros de Zomahi, Ahido, Marro, tudo isso aí está no campo do bairro Brasil. E Chachá tem o poder. Eu posso dizer sobre toda Uidá, mas no bairro Brasil ainda mais, se interessa mais nesse domínio aí. Que é mais interessado nesse domínio aí. Então, cada identidade tem vários Chachá, ele tem várias famílias, diferentes famílias em torno do Chachá, que são muito, muito

numerosas. Então, para nomear um chefe em cada família em torno de Chachá. É Chachá que pode dizer.

MG - Então, sexta que vem bem cedinho, às 7 horas, eu estarei aqui para assistir isso.

[?]: Não dura muito. Chachá diz sua palavra e dá força a esse chefe e lhe empresta mão forte e o faz se sentar sobre sua cadeira.

MG - E está acertado e a família está lá.

[?]: Ele já tem o poder.

MG - Isso acontece na sala?

[?]: Sim, isso acontece na sala onde está enterrado nosso ancestral.

MG - Bom, então, vou recapitular. Chachá tem um poder, não um poder de polícia. Não um poder de julgamento, mas um poder moral, ele tem a influência sobre 15 mil pessoas, que estão aqui já, no bairro Brasil e depois em outros bairros que são associados. Então, podemos dizer que Chachá é a mais alta personalidade da cidade de Uidá.

HS - É isso.

MG - A cidade de Uidá não é qualquer cidade no mundo, a cidade de Uidá é uma cidade que é conhecida no mundo inteiro. Se eu falo Toulon, tem pessoas que não conhecem Toulon. Se eu digo Curitiba, no Brasil, ninguém conhece Curitiba. Mas se eu digo São Paulo, cidade de (???)<sup>9</sup>, temos uma referência.

HS - Sim, eu conheço.

MG - Quando falamos, você conhece.

HS - Eu conheço São Paulo<sup>10</sup>. Estive em São Paulo quando tinha 51 anos. Fui para São Paulo. Operaba, Maraba<sup>11</sup>.

MG - E o senhor gostou?

HS - Gostei muito de ficar. Mas eu não tive a ocasião de ficar. Eu queria mesmo pedir informações sobre isso. Porque quando estive lá, tive a ocasião de ir para São Paulo assistir uma feira lá. Eu me disse que eu ia para Bahia, lá de onde veio meu avô. Eu fui lá pegar o bilhete, eu disse: em tal região da Bahia. É aí que eu não conheço. E fui obrigado a voltar<sup>12</sup>.

MG - Bom, o senhor pode ir à cidade da Bahia, na capital mesmo, que se chama Salvador de Bahia. Chachá veio de lá, Dom Francisco Félix de Souza. Ele veio de lá. É

---

<sup>9</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>10</sup> Está escrito “Operba” ou “Openaba”, na entrelinha superior.

<sup>11</sup> Novamente a citação à Operaba ou Openaba.

<sup>12</sup> Chachá não fala muito bem francês.

uma cidade muito bonita e extraordinária. Uma vez lá, o senhor vai ver que a arquitetura que encontramos aqui no Benim, em Aguê, em Grande Popô, um pouco em Porto Novo e em Uidá, e a casa de Chachá onde tem seu quarto lá, é o que chamamos uma casa brasileira. É absolutamente igual às casas que encontramos lá.

HS - Ah, bom.

MG - Sim, é muito interessante. Bom, eu retomo minha questão para fechar essa história. O Chachá, ele tem um poder moral sobre uma população muito grande, em uma cidade muito importante, o Chachá do Benim, isso vai sair no jornal, no Brasil. Isso vai sair na imprensa. Porque é importante. Porque é Uidá. Não é um chefe de uma grande família, ah, em Parakopu, não sei o quê, em Aguê. É na cidade de Uidá, e a cidade de Uidá é a Meca dos voduns. No mundo inteiro a cidade de Uidá é uma referência na história da humanidade, na história da África. Então, o senhor, em uma semana, o senhor terá o poder moral sobre uma população muito grande, em uma cidade muito grande.

HS - E isso já começou.

MG - Isso já começou. E isso, isso dá também, isso tem uma importância política.

HS - É isso.

MG - Então, eu queria saber como o senhor gerencia essa importância moral e política que o senhor tem sobre a cidade de Uidá.

HS - Desde que eu serei entronizado, dia 7 de outubro próximo, eu vou ver com meus assessores que, com meus irmãos, em um conselho para ver como vamos gerenciar, ou seja, como vamos seguir os passos de Chachá. E eu posso assegurar ao senhor que festejamos o nascimento de Dom Francisco todos os dias 4 de outubro. É por isso que fixamos a nomeação para o 4 de outubro. Como é dia da semana seremos obrigados a nos mexer no sábado. Bom, daí, depois de minha nomeação, vamos festejar o nascimento, quer dizer, no 4 de outubro, em Uidá. E o dia de sua morte, em Anecho, 8 de maio, vamos festejar isso em Anecho. Porque ele deixou Anecho antes de vir para cá. Ele criou também um negócio em Anecho, ele chamou isso de Adjidéo.

MG - Se uma vez tenho a chance, a oportunidade, irei a Anecho também, dia 8, para ver essa festa aí.

PS - Não, não, assim, depois da nomeação, agora que vamos começar a ver isso.

MG - Muito bem, senhor Prosper.

HS - Agora, acho que depois de minha nomeação, como o senhor trabalha com essas coisas aí, o senhor vai nos ajudar a encontrar nosso lugar um pouco [na Bahia] agora, ou então, informações mais tarde. Porque nós queremos ir [para lá].

MG - Ah, sim, eu estou à disposição do senhor para fazer o meu melhor, o senhor pode...

HS - Você me prometeu.

MG - Sim, eu vou passar para o senhor uma relação de todos os arquivos, dos livros sobre Chachá, e vou também dar o meu melhor para encontrar o lugar onde está o senhor Pierre Dégila<sup>13</sup>.

[?]: Sim, sim.

MG - Ele trabalhou muito, ele escreveu muito sobre isso. Está vivo ainda, ele tem 94 anos, mas ele continua vivo. Na última vez que eu o vi, eu perguntei a ele.

[?]: Onde o senhor o viu?

MG - Ele está na Bahia.

[?]: Na Bahia, ainda.

MG - Salvador de Bahia, eu lhe perguntei. Ele disse: “Você sabe, é muito difícil encontrar o traço. Mas procuramos ainda. Então, eu também, eu procuro sempre. Eu vou me informar sobre tudo isso. Eu queria perguntar ao senhor, para terminar isso, qual é a programação dos dias 7 e 8? A programação. O que vai acontecer? O senhor não tem nenhuma ideia?”

PS - Sim. Para encurtar o debate, vou dar uma ideia em minha casa. Eu vou dar ao senhor todo o programa.

MG - Ah, é magnífico.

PS - O senhor tem até sobre a carta do senhor aí.

MG - Ah, bom?

Marcelim: Sim, sim. Sobre o convite que nós demos ao senhor, tem mais ou menos o programa inserido. Sobre essa carta aí. Mas como Prosper acaba de dizer, ele vai vos dar ainda outras folhas sobre as quais está tudo indicado.

MG - Ah, eu tenho.

[?]: Victor já trouxe para o senhor.

MG - Muito bem, programa das manifestações que devem marcar a entronização do 8º Chachá. Sábado, 8 de outubro. Eu agradeço ao senhor. Senhor Honoré. Tem algo que o senhor queira acrescentar ao que acabamos de dizer aqui?

---

<sup>13</sup> Apesar de estar escrito Pierre Dégila, creio tratar-se de Pierre Verger, pelo que é dito depois.

HS - Não, não. Somente, eu convido ao senhor de assistir a minha nomeação dia 7 de outubro.

MG - Sim, estarei lá.

HS - Porque fui designado em 24 de junho, em Uidá. E no curso de uma assembleia geral, da qual eu até não me lembro. Depois me mostraram no Togo, em 22 de julho e eu voltei agora. É dia 7 de outubro que vão me entronizar.

MG - Muito bem. Bom, senhor Honoré, eu agradeço vossa atenção de me dedicar esse momento aqui. Eu desejo ao senhor coragem. Porque vosso papel é realmente muito grande. E eu me sinto honrado de trocar palavras, de estar aqui com o senhor. Eu estarei lá no sábado. E, pronto, eu paro essa máquina.

[?]<sup>14</sup>: Eu queria chamar a atenção do senhor sobre uma coisa. Porque o senhor dizia que a família, ele é o chefe da família de Souza do Benim e do Togo, em uma palavra, é preciso, chefe da família, simplesmente, de todos os De Souza. Porque os De Souza se estendem um pouco por toda parte. Nós temos crianças na França, nos Estados Unidos e na Nigéria, na Costa do Marfim, no Gana, nos Camarões, tem De Souza que estão espalhados um pouco por toda parte. Então, se nós estatamos somente sobre Benim e Togo, isso prova que não tem outros De Souza em outro lugar fora dos dois países. Então, é preciso saber que os De Souza estão um pouco em toda parte. Ele é o chefe supremo de todos os De Souza. E nós todos que estamos aqui agora, nós temos filhos um pouco em toda parte. Têm crianças na França, Prosper tem crianças na França. Eu tenho crianças na França, e nós temos parentes, sobrinhos, que estão em toda parte. Então, é sempre a mesma família De Souza. Não tem duas. Não tem duas famílias De Souza. Onde o senhor vê um De Souza, saiba que a fonte é aqui.

MG - E agora tem uma diferença. É uma coisa é ser o chefe da família De Souza. Outra coisa é ser o Chachá. No momento onde ele é Chachá, tem um certo poder moral e político, não é, que vai além das fronteiras da família De Souza, na medida em que Chachá é o vice-rei de Uidá. São os (???)<sup>15</sup> que utilizavam o rei de Abomé.

[?]: É isso. Você conhece melhor. Então, em Gana, eu vejo também, se tem uma morte, se tem alguma coisa, é Chachá.

MG - No tempo do rei Guêzo, e mesmo no tempo do rei Glèlè, e mesmo no tempo do rei Behanzin, e mesmo depois, quando escutamos os tam-tam do rei de Abomé, ele se coloca em posição de atenção, é isso a força. Até mesmo o chefe de guerra. Até mesmo o chefe de guerra do rei de Abomé é ele, o avô do avô do avô de Soglo. Ele se chamava Soglo. Ele estava também atraído pelo tam-tam do rei de Abomé. E é o tam-tam de Chachá VIII. Isso, isso importa, hein.

---

<sup>14</sup> A fala pode ser de Marcelim ou de Honoré.

<sup>15</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

[?]: É importante. Antes de ser entronizado, no 7 de outubro, é por isso que vou para Abomé. Na quinta, 5, para pegar entre eles o poder lá. Como Chachá era nomeado o vice-rei pelo rei de Abomé, irei para lá, quinta, dia 5, para ir vê-los antes de ver a entronização no dia 7.

MG - Bom.

[?]: Considerando as relações de amizade que têm a família De Souza e o rei Guêzo, então é indicado e de bom tom que antes de ser entronizado, que nós o levemos no palácio real de Guêzo, em Abomé, para pegar as bênçãos desse reino, antes de ser entronizado. Porque, no final das contas, é Guêzo quem o nomeou vice-rei de Abomé. Então, é de bom tom que ele vá se exhibir e ter as bênçãos desse reino antes de ser entronizado. Assim, isso prova que os laços e as boas relações continuam a existir.

MG - Isso é muito importante. Eu vos pergunto. Será que enquanto historiador eu poderia estar presente lá, assistir isso, é possível?

[?]: Coloque de novo a questão.

MG - A questão é, enquanto historiador, enquanto pesquisador neste país, eu posso assistir a essa cerimônia em Abomé, no dia 5?

[?] Sim. Quer dizer, o senhor sabe, a todo senhor, toda honra. É em reconhecimento às benfeitorias de Chachá que o rei Guêzo o tinha nomeado vice-rei do Daomé. Será de bom tom que Chachá, antes de sua entronização, vá assinalar àqueles lá, que realmente o 8º Chachá estará no trono em tal data. E fazemos um pequeno sacrifício em nosso retorno. Se o senhor quiser, o senhor pode assistir à cerimônia que será feita em Abomé.

MG - Onde é exatamente?

[?]: Abomé Honmé.

MG - Abomé Honmé. E a que horas?

[?] Ah, Mito vai deixar Uidá por volta das 8 horas da manhã.

MG - Então, é...

[?]: Oito horas da manhã, não é?

MG - Então, é no Palácio Honmè. Eu paro isso.

FIM